

DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini

Largo da Carioca Nº 4 (sob.)



Tambem fomos levar nossas coroas aos collegas fallecidos, e ao passarmos pelo Cemiterio Politico, lá vimos o Sr Glicerio e o Comm.^o Malvino Reis.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos antigos assignantes o obsequio de remetterem ao nosso escriptorio (rua de S. José, sobrado, esquina do largo da Carioca) o endereço de suas residencias, afim de que, de ora avante presida a maior regularidade no serviço de entrega do D. QUIXOTE áquelles que tiveram a gentileza de o assignar. Um extravio do livro relativo á entrega, por occasião da mudança, força-nos a dirigir este pedido aos nossos assignantes — tanto aos que haviam já satisfeito a importancia das respectivas assignaturas, como áquelles que ainda estavam em atrazo.

Continúa a ser o preço para as assignaturas:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000

O DON QUIXOTE

RIO, 4 DE NOVEMBRO DE 1899.

D. JOAQUIM ARCOVERDE

Chegou de Roma, onde viu o Papa, o Sr. arcebispo metropolitano D. Joaquim Arcoverde, que lá fôra assistir ao concilio plenario dos bispos da America Latina.

No seu regresso á patria, o illustre prelado, chefe do clero brasileiro, tocou em alguns portos do norte e visitou varios Estados, recebendo em toda parte as maiores provas de consideração e respeito, o que é muito justo, pois que as merece.

Por seu lado, S. Ex. Revma. e archiepiscopal deitou bençãos a valer a todo aquelle povo nortista e religioso, que nem sempre tem occasião de vêr arcebispos por aquellas alturas, nem de se lamber com tão elevadas bençãos.

Ao encontro de S. Ex. Revma., a bordo do *Olinda*, foram o Dr. Cochrane, representando o Sr. presidente da Republica; varios ministros do Supremo Tribunal e outros magistrados, generaes de divisão e de brigada, vice-almirantes e contra-ditos, senadores e deputados, monsenhores, conegos, curas e padres, a Associação Commercial, á procura da benção apostolica como consolação aos seus profundos desgostos economicos; o cabido, ordens religiosas e terceiras, tonsuradas e não tonsuradas; irmandades, confrarias e corporações, etc., etc., afim de cumprimentar o illustre prelado e dar-lhe as boas vindas.

Escusado é dizer que n'esta importante recepção era extraordinario o numero de lanchas e bandas de musica.

NO ARSENAL

Desembarcando no Arsenal de Marinha, o Sr. arcebispo foi logo cumprimentado pelo Sr. nuncio apostolico e uma infinidade de pessoas, mais ou menos gradas, viscondes e barões dos mais conhecidos da nossa fidalguia republicana, visconde de Silva, visconde de Sande, barão de Itacurussá, visconde de Duprat, visconde de Avellar e outros cujos nomes nos escapam; diversas commissões de irmandades terceiras e quartas de S. Francisco de Paula, da Penitencia, do Carmo, da Candelaria, de Nossa Senhora do Terço, de Nosso Senhor do Quarto, do Sacramento, S. Benedicto, S. José, Seminarios maior, menor e regular; S. Vicente de Paula, Franciscanos, sem as armas; Liga Sebastianista, confraria de Nossa Senhora de Lourdes, com a competente agua milagrosa, e sacerdotes e irmãs do Sagrado Coração de Jesus, que abriram alas á passagem do illustre prelado, jogando-lhe *confetti*.

Jogar *confetti* no arcebispo!

Tal qual como si fosse em qualquer *Zé Pereira* em tempo de carnaval!

O que terá pensado S. Ex. Revma. ao sentir o seu venerando rosto pintado de verde e amarello!

E quem se atreveu a tão carnavalesca e indigna manifestação?

Os alumnos do collegio Pio Americano e as suas mais queridas ovelhas, as do Sagrado Coração de Jesus!

Estas, vendo os taes alumnos trazerem a tiracollo saccolas verdes e amarellas cheias de *confetti*, não puderam conter o seu entusiasmo religioso-nacional e *Zé pereireseo*!

Saltando sobre os *confetti*, cobriram com elles, a mancheias, o pobre prelado, que não teve remedio sinão supportar pacientemente esse acto inconsciente, tão burlesco e inesperado, quanto desrespeitoso e inconveniente!

Mas a intenção é boa, pensou o bom pastor, e perdoou ás suas ovelhas tão grave mas involuntaria falta de respeito.

S. Ex. Revma. seguiu depois para a Cathedral, acompanhado de numerozo prestito, onde assistiu ao *Te-Deum*.

N'essa festa, extraordinariamente concorrida, foram-lhe offertados valiosos mimos.

Pouco depois o Sr. arcebispo recolheu-se ao seu palacio acompanhado de varios sacerdotes e outras pessoas, com quem almoçou ás 2 horas da tarde.

Já era tempo! disse o Dr. André Calvante.

Foi um dia de festa e S. Ex. Revma. deve estar satisfeito pelas provas de alta

veneração e sympathia com que foi recebido.

Por nossa parte cumprimentamol o respeitosamente pela sua boa vinda.

* *

N. B. Não tendo podido assistir á chegada de S. Ex., foi pela leitura do jornal da tarde *A Noticia* que soubemos de certas minudencias por occasião do desembarque.

Esse jornal e a *Gazeta de Noticias* fallam em *confetti* atirados ao arcebispo, outros jornaes dizem petalas de flores.

Antes assim; o acto é menos carnavalesco, mas é sempre inconveniente.

Como foram os alumnos do collegio Pio Americano que as levaram em saquinhas verdes e amarellas, observaremos aos directores d'esse importante estabelecimento de instrucção, que não nos parece muito apropriado nem respeitoso esse genero de manifestação florida, tratando-se de um arcebispo e em tal circumstancia.

E' facil comprehender a inconveniencia de tal proceder, dando-se o facto nas horas de maior calor, em uma extraordinaria accumulção de povo, em que não ha ente humano que não sinta a pelle humedecida pela transpiração.

Ora, estando o arcebispo n'essa occasião rodeado de tanta gente que o cumprimentava, devendo responder a estes, dar a mão a beijar áquelles, formando o centro de uma massa humana que o observa, o saúda, o admira, o aclama e o aperta, é natural que S. Ex., apezar de reverendissimo e archiepiscopal, suasse tanto como qualquer cidadão simples mortal.

Em taes circumstancias não póde ser agradável sentir *confetti* ou mesmo petalas de flores grudadas ao rosto.

Apezar de não sermos carolas, não nos conformamos com a idéa de ver uma petela qualquer grudada na ponta do nariz de um principe da Egreja, ou vel-a entrar pela sua santa bocca interrompendo bruscamente o verbo sagrado.

Convencidos de que S. Ex. Revma. pensa como nós, concluímos aqui este pequeno cavaco, que não teve outro fim sinão provar que as manifestações a *confetti* ou a flores têm muitas vezes graves inconvenientes.

Por causa da peste

E' provavel que o Sr. director geral de hygiene tenha lido o folhetim intitulado «Sem Rumor», do *Jornal* de 29 do mez passado.

O illustre hygienista não podia ter melhor resposta ás excellentes precauções que aconselha ao nosso povo para não ser vi-

etimado por esse horrivel e bubonico flagello.

Si não fosse tão limitado o espaço de que dispomos para o texto, transcreveríamos aqui esse espirituosissimo folhetim, que terá aberto com certeza os olhos do illustre director geral de hygiene, fazendo-lhe ver, e com a maior clareza, que todas as suas recommendações, conselhos, medidas a adoptar e cuidados que se deve ter são tão impossiveis, tão impraticaveis e, tão absurdos que era melhor não ter aconselhado cousa alguma.

Um dos primeiros cuidados que o illustre director recommenda é evitar o contacto das pessoas vindas do local onde existe a epidemia e que se apresentarem adoentadas.

Mas, como adivinhar de onde vem a tal pessoa? E d'este cuidado não se encarregaram a propria Junta de Hygiene e a Saude dos Portos, que para isso empregam multipas medidas sanitarias?

Os preceitos indicados sob os ns. 1, 2, 3 e 4 não só são necessarios contra a tal peste como contra qualquer outra molestia, e fazem parte dos principios hygienicos que todo cidadão deve ter, quer haja quer não haja epidemias.

O 5º, que diz: «Ter cautela na escolha da agua potavel, que deve ser sempre fervida», é simplesmente impraticavel.

Qual é a melhor agua potavel? E como ferver-a?

Os pobres, que têm sede e que se acham longe de suas casas, não tendo outra agua sinão a de chafariz, deverão privar-se de beber-a por não estar fervida?!

O 6º diz: «Evitar todas as causas de esgotamento physico e depressão moral, fadigas do corpo e de espirito, emoções Moraes, vigílias prolongadas e excessos de toda e qualquer natureza.»

O unico remedio que nos parece melhor para evitar essas causas, provenientes em geral da luta pela vida dos que trabalham, é offerecer a cada cidadão os meios de viver de suas rendas sem ter que sair de casa, repimpendo-se em boa cadeira de balanço, si é que esta não é anti-hygienica, nutrindo-se, como diz o preceito 2º, de generos de primeira necessidade e não vindos do logares suspeitos.

Esperamos, portanto, que o Sr. director da Junta de Hygiene nos envie algumas centenas de contos de réis, cuja renda nos permita evitar fadigas do corpo e de espirito, vigílias prolongadas, como as que temos semanalmente com o nosso jornalzinho, o que nos permittirá dormir em aposentos de 16 metros cubicos para cada pessoa, empregar nosso pessoal a caçar pulgas e persevejos, ratos e camondongos, por meio de gazes ou substancias toxicas, inci-

nerando-os em seguida, como tanto recommenda o illustre director, embora para isso seja preciso desmanchar toda a casa, levantar soalhos, escangalhar forros, esburacar paredes e botar a casa abaixo, para descobrir os esconderijos dos terriveis roedores.

Cumprindo á risca todas as prescripções ordenadas, esperamos obter o melhor successo, auxiliando d'este modo o illustre director de hygiene para que alcance a mais completa victoria sanitaria.

ACTOS LOUVAVEIS

Continuam os nossos bravos militares a dar provas de seu valor e amor á disciplina, commettendo actos dignos de serem generosamente recompensados.

Esperam, portanto, que seus chefes não tardarão em fazel-o, animando assim os outros a imitar esses valentes, cujas faganhas enchem as columnas dos jornaes diarios e de admiração os pacatos cidadãos que os lêem.

Ainda ultimamente, na Penha, setenta e tantos militares, julgando ainda estar em Canudos, tomaram os romeiros como jagunços, resultando d'ahi grossa pancadaria de criar bicho, cabeças quebradas, pelles furadas, sangue derramado, gente estendida, barracas demolidas, vendedores assustados, romeiros escamados, chifres e roscas espalhados por toda a parte, assim como o terror que apoderou-se de todos os devotos d'aquella Nossa Senhora milagrosa, padroeira de todas as pandegas annuaes luso-brasileiras, que tanto divertem o Zé Povinho d'aquem e d'além mar.

O outro acto de grande valor foi o conflicto em que praças de linha atacaram algumas de policia em frente á typographia nacional. O combate foi sério; mortos e feridos de ambos os lados.

Ouvia-se distinctamente um sargento de linha dar ordens de sangrar o inimigo.

Passando-se este heroico feito d'armas das oito para as nove horas da noite, escusado é dizer que o povo agglomerado no largo da Carioca á espera dos bondes fugia para todos os lados, derrubando taboleiros de balas, baldes de vendedores de limonada a 100 reis o copo, o montão de trapos ambulantes com feitio de urso humano que vende jornaes da tardê e a quitanda da preta velha na esquina da rua Uruguayana; jornaes e empadas, bons bocados e pés de moleques viam-se espalhados por todos os lados, tudo isto acompanhado de grande barulho de portas de armazens e botequins que se fechavam ra-

pidamente, tanto no largo da Carioca como nas ruas que alli desembocam.

— O que ha?!

— O que houve?!

Ninguém sabia, ninguém respondia, tudo fugia!

Afinal soube-se do conflicto.

A razão d'elle?

Nenhuma; o prazer só de fazer bernardas e ver si é sempre vermelha a cor do sangue das praças de policia ou de qualquer cidadão, que não tratasse de rapidamente fugir do campo da batalha.

Na noite em que se deu o assassinato do velho Machado na rua Gonçalves Dias, uma praça de policia prendeu um individuo que se tornara suspeito por ter a roupa manchada de sangue.

Na occasião em que o levava preso para a estação, quatro praças de infantaria de marinha, condoidas da sorte do pobre diabo, trataram de soltal-o, o que conseguiram depois de renhida luta com praças de policia que acudiram aos apitos da primeira.

Censurar taes actos é tempo perdido; o melhor é louval-os.

ARTE E SENTIMENTO

Percorrendo a rosea e importante folha da tarde *A Noticia*, á procura de alguma novidade do dia, predeu-me a attenção um artigo intitulado *O dia dos mortos*, que traz uma descripção assaz importante é minuciosa, que muito recommenda o articulista pelo enorme e fastidioso trabalho que teve em percorrer todos os cemiterios, tomando notas da fórma de alguns tumulos, das suas ornamentações e inscripções, etc., etc.

A descripção de dois d'esses tumulos, os quaes se acham no cemiterio de S. João Baptista, chamou nossa attenção.

Transcrevemol-a e em seguida diremos duas palavras.

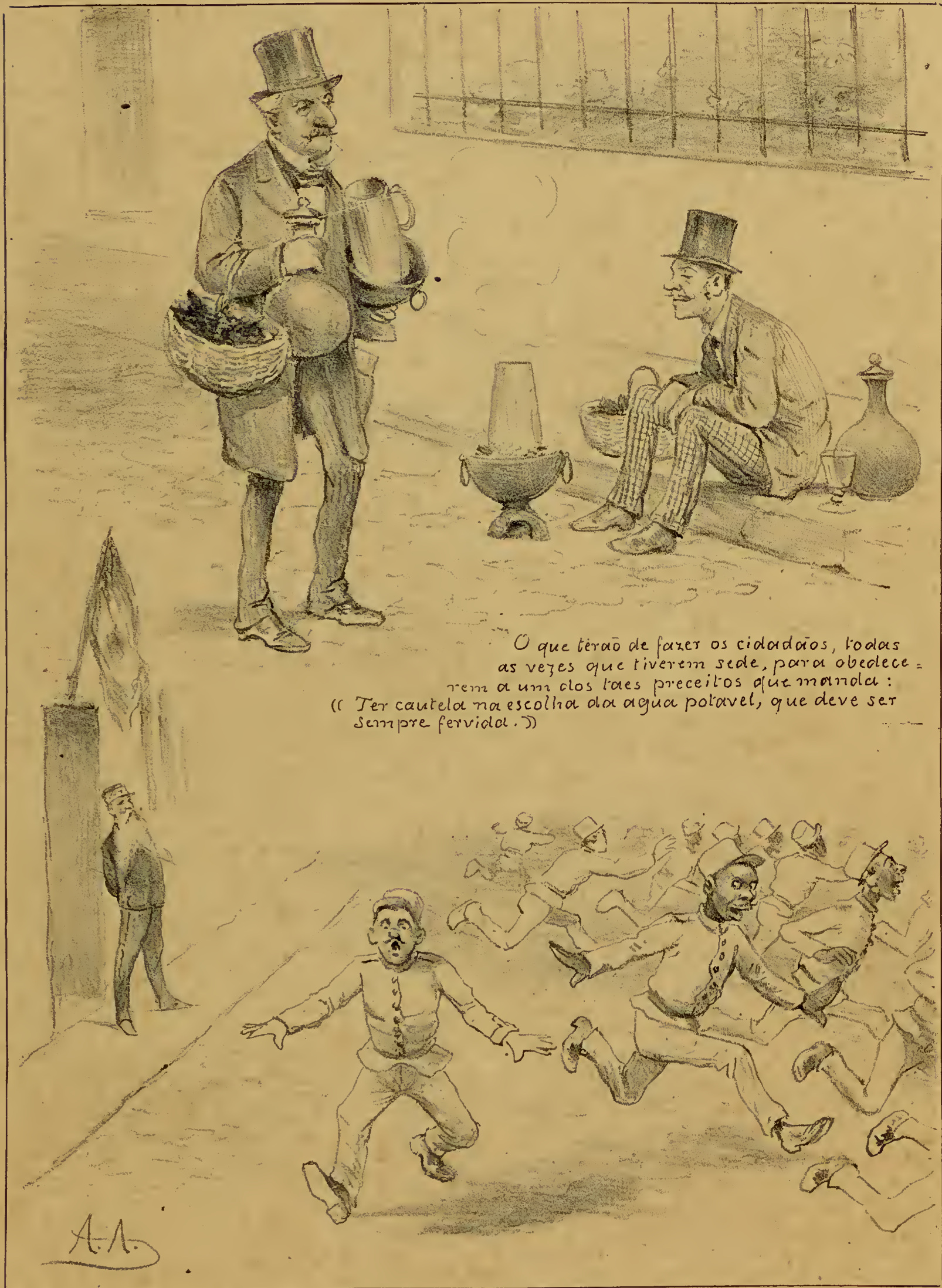
« Na primeira rua lateral do lado direito, proximo ao grande portão, está o monumento do visconde de Araguaya, trabalho de Rodolpho Bernardelli, executado em Roma.

E' uma pyramide de marmore, sobre a qual está collocada uma urna de bronze. N'uma das faces da pyramide está um medallhão de bronze com a figura do poeta, tendo por baixo uma palma.

Na outra face lêem-se versos tirados do poema *Urania*. »

« Sobre uma pequena sepultura, rodeada de tinhorões raros e bellissimos, lemos isto: *Eloiza! pobre filhinha...* »

O que achamos devéras extraordinario é ver descripto o monumento do Ara-



O que terão de fazer os cidadãos, todas as vezes que tiverem sede, para obedecerem a um dos taes preceitos que manda :
((Ter cautela na escolha da agua potavel, que deve ser sempre fervida.))

Um outro preceito manda ((evitar as aglomerações.)) E' o mesmo que aconselhar os nossos soldados a desertarem em massa os quartéis.

: O crime da rua Gonçalves Dias.



Antonio Machado,
a vítima.



Arthur Lopes Perdigão,
o assassino.



Penetrando no quarto de seu ex-patrão para roubar, na noite de 30 de Outubro, Perdigão, deu-lhe o primeiro golpe na cabeça, seguindo-se tremenda luta da qual resultou a morte do velho Machado, em quem o assassino vibrou 37 golpes!

guaya e nem sequer mencionar o que ha n'elle de mais importante e de mais artistico.

Bem na frente, e de tamanho natural, uma figura em marmore branco representa o genio da poesia.

Sentado na base da pyramide, a posição do corpo assim como a expressão da physionomia denotam tanta tristeza, a execução d'esse trabalho é tão perfeita, que mereceu ao seu autor os maiores louvores dos primeiros esculptores de Roma.

O articulista d'A *Noticia* olhou para essa figura como o boi olha para palacios.

O segundo tumulto tambem não lhe chamou a attenção. Leu aquellas tres palavras e não sentiu nada.

Leu-as do mesmo modo que olhou para o monumento do visconde de Araguaya!

Não viu que aquellas tres palavras valem mais do que tudo quanto ha inscripto ou gravado em todos os tumulos d'aquelle cemiterio!

Por nossa parte confessamos que nunca lemos inscripção em tumulo algum, tão breve e ao mesmo tempo tão eloquente e que exprimisse tanto sentimento de profunda e verdadeira dôr!

Eloiza! pobre filhinha...

MEDONHO!

Um dos crimes que mais têm emocionado o nosso publico é sem duvida o assassinato que se deu na rua Gonçalves Dias, na noite do dia 30 de Outubro.

O assassino, de nome Perdigão, é menor e ainda imberbe; a victima era um sexagenario, mas ainda forte e com saúde.

A luta em um pequeno quarto que o velho ferragista occupava nos fundos de sua loja devia ter sido terrivel!

Os 37 golpes que levou antes de exhalar o ultimo suspiro, são uma prova da resistencia desesperada que oppoz ao seu assassino, procurando arrancar-lhe das mãos o facão que de ante-mão tomara na loja para commetter o crime.

A luta era desigual; um era sexagenario, o outro nem vinte annos ainda tinha.

Com o sangue que corria das primeiras feridas que recebera, o velho pouco a pouco perdia as forças e, não podendo mais resistir, arquejando, com a respiração entrecortada pelo cansaço da luta, sentia uma como nuvem passar-lhe pelos olhos; já não via o assassino, mas sentia-o encostado a si, pois que conseguira segurar-lhe os braços; já não se podia conservar de pé, as pernas dobravam-se-lhe e de repente cahiu sobre um joelho.

— Piedade! soccorro! acudam-me!

Mas esses gritos eram abafados pelo rumor das machinas que a essa hora imprimiam o *Jornal do Brasil*. Ninguém ouvia.

Occupado na tiragem e expedição das folhas, bem longe estava todo o pessoal encarregado d'aquelle serviço de suppôr que, na casa do vizinho passava-se tão horriavel drama!

E o pobre velho Antonio Machado, já sem forças, sentindo-se invadido por uma syncope, largou os braços do seu alçó e cahiu sobre o soalho, prostrado e sem sentidos.

Ahi, então, o seu ex-caixeiro acabou de o matar.

Hoje esse miseravel está entregue á policia. Foi um cidadão que o prendeu em um hotel, na Copacabana.

No primeiro interrogatorio, negou ser o autor do crime, declarando que seus ferimentos nas mãos eram devidos a uma luta que dissera ter tido com um cozinheiro.

Afinal acabou por confessar tudo, declarando que o movel do crime era o roubo.

Desgraçado!

SCENAS MARITIMAS

NA BAHIA DE GUANABARA

Digno realmente de todo o louvor é o bravo mestre da barca que levava os passageiros para Petropolis e que tão bem soube fazer frente ao tremendo tufão que cahira de repente com a maior violencia, tanto na cidade e arredores com em toda a bahia de Guanabara.

Prevendo que não podia atracar á ponte de desembarque sem grande perigo de ver a barca despedaçar-se n'ella, mestre Narciso tratou de fazer frente á tempestade, mantendo a barca *Petropolis* ao largo.

Bem seguro ao leme, que quasi não obedecia, conseguiu no fim de meia hora, quando amainou o temporal, atracar á ponte, com grande regozijo dos passageiros, que durante essa meia hora julgaram-se perdidos.

Si n'esse momento alguém se tivesse lembrado de abrir uma subscripção a favor de mestre Narciso, de quem dependera a vida dos passageiros, não seria um conto, mas pelo menos dez contos de réis que a subscripção teria rendido.

E' extraordinario como o medo faz a gente generosa!

Passado o perigo a generosidade perde logo 90 %!

Ha outras occasiões em que o medo faz a gente assassina, mas este instinto perverso só o possuem os covardes, entes que não têm nem coração nem consciencia, que vêem bestialmente e sem commover, tal qual animaes ferozes, as scenas mais

horriveis, as dôres mais atrozes, os gritos mais dilacerantes de desespero soltados por entes humanos, homens, mulheres e crianças!

Para mostrar quanto isto é verdade, transcrevemos aqui parte do texto que acompanha a estampa do incendio da barca *Terceira*, por nós publicada em Janeiro de 1895.

O terrivel sinistro deu-se em 6 de Janeiro d'esse anno, ás 7 horas da tarde.

A barca *Terceira*, que levava perto de 360 pessoas, acabava de deixar a estação de São Domingos, onde dera desembarque a varios passageiros, quando minutos após houve o alarma de fogo, que começara na tolda em torno da chaminé.

O mestre Vidal, então, não dispondo de recursos para extinguir o incendio, viu-se na collisão de voltar a S. Domingos, o que tentou impraticavelmente, ou de encalhar a barca afim de salvar os passageiros. Vendo, porém, a barca *Quinta*, que momentos antes sahira de Niethe-roy, approximar-se, entendeu ser mais seguro para os passageiros a passagem de uma barca para outra, e assim esperou que a *Quinta* atracasse.

N'esta occasião deu-se o facto mais revoltante e deshumano de que ha exemplo em sinistros maritimos: — alguns passageiros da barca *Quinta*, apesar do mestre Pedro Costa assegurar não haver o menor perigo em approximar-se mais da *Terceira*, empregaram a força, a mão armada, si tal fizesse. Ainda assim o mestre Costa tentou vencer a resistencia que lhe era imposta, mas, já impossibilitado de manobrar pelos miseraveis que o rodeavam, teve, desolado, com as lagrimas irrompidas, de abandonar á triste sorte de morrerem queimados ou afogados os infelizes passageiros da *Terceira*, cujas vidas estavam nas suas mãos. A *Quinta* tocou atraz e o mestre mandou que se lançasse ao mar todos os bancos e salva-vidas de que dispunha.

Os passageiros da *Terceira*, vendo afastar-se essa barca que para elles representava a salvação, a vida, emfim, pensaram então na morte implacavel que os esperava, e gritos desolados e pungentes ecoaram no ar. Homens, mulheres e crianças, reunidos em grupo, como que despediam-se compungidamente uns dos outros, agora que para todos elles soára o momento fatal. E quanta dôr, quanto desespero, quanta agonia subia do coração por ver-se aquellas pobres criancinhas, ainda tão cedo, já condemnadas a tão cruel destino!

Na tolda o Sr. Manso Sayão, gerente da companhia e que desde o principio recomendaria calma aos passageiros, pois que providenciaria, embalde fez signal para que a *Quinta* se approximassem, não suppondo nunca que já n'aquella hora suprema, ella fugia, fugia covardemente, levando consigo a maldição das desgraçadas victimas, maldição que recae toda sobre os miseraveis assassinos que, impedindo o mestre Pedro Costa de cumprir o seu dever de homem do mar e de homem humano, deram causa a tamanha hecatombe, em que morreram queimadas ou afogadas perto de 200 pessoas!